

RELATORIO DE MINHA VIAGEM AOS INDIOS SURUIS

MARABA - PARÁ - DEZEMBRO DE 1981



Devido, principalmente minha participação nos desdobramentos de trabalhos de demarcações da Baía da Traição (ver relatórios petiguaras), esta viagem realizei com um atraso de um mês. A previsão de estarmos na área no começo de novembro e acompanhar a safra de castanha desde o começo, falhou e isto me deixou triste, mas vamos ao que interessa:

Dia 15 de dezembro saí de João Pessoa para São Paulo, onde me reuni com os assessores do CTI. Havia de saldo, uma quantia de Cr\$492.000,00 / (quatrocentos e noventa e dois mil cruzeiros) para o Projeto Suruí, retirei Cr\$92.000,00 para despesas de viagem e o restante levei em cheque pagável na Agência do Bradesco em Marabá.

Dia 18/12 Viajei passando por Brasília, aproveitando para rever familiares.

Dia 22/12 Chequei em Belém, neste mesmo dia (chequei de madrugada) viajei para Marabá, neste trecho, parei no Km 30 da Pa 70 para visitar os gaviões, índios com quais convivi durante anos, sentia saudade. Levei / algumas fotos do trabalho demarcatório Petiguara e ficaram interessados em detalhes do grupo. Kokrenum estava em negociação com a Vale do Rio Doce para receberem uma indenização pela passagem da linha, digo, estrada de ferro de Carajas, por dentro da reserva. " Não vamos brigar igual com a Eletroarte, agora eles (a Cia.) resolveram pagar logo". Se preparavam também para início da safra de castanha. Neste mesmo dia fui para Marabá, de lá para Brejo Grande, onde pegaria o "mixto" (caminhão/ônibus) que faz a linha até São Geraldo, passando nos limites da reserva Suruí. Fretei uma C-10 para percorrer este trecho já que o mixto já tinha saído e se voltaria daí 2 dias.

Chequei no local chamado São Raimundo, daí seguiria a pé até a aldeia ( 1 légua e meia ), para minha surpresa Tibaku e sua família estavam residindo neste local, construíra uma casa e pretendiam derrubar para plantar individualmente. Estavam preparando os burros para irem também para aldeia para a "festa do natal".

segue ...

Tini

Chegamos na aldeia, casas recém-construídas no mesmo local das que pegaram fogo. Notei que construíram estas casas mais distantes entre si, talvez por precaução. Esta é a segunda vez que o fogo destrói / suas residências e todos os pertences. Desta vez, a maioria da população (homens principalmente) estavam caçando, voltaram imediatamente quando viram a fumaça de longe. Putema e sua família foram os mais atingidos, o fogo começou em sua casa e ali se guardavam todos os pertences dos cavalos e burros.

Alguns trabalhadores contratados pela Funai, construíam um barracão para depósito de castanha, de tabua, cobertura de telha brasilit e bases de cimento. O que me causou surpresa foi o fato deles estarem construindo este barracão ao lado do barracão construído pela comunidade ano passado, portanto sem muita necessidade.

A "cantina" que fica na casa de Tiramé, tinha acabado de receber o rancho que a Funai mandara. Os índios reclamavam do excesso de certas mercadorias (sal, lâminas de barbear, p.e.) e a falta de outras mais essenciais como botas, facões, cartuchos e vestimentas para colherem castanha.

Opireme, mulher de Tiramé dissera que Tiramé tinha ido para Marabá conseguir dinheiro emprestado para poderem começar os serviços de safra.

Dia 24 de dezembro. Tiramé era esperado este dia, pois ele era o "festeiro". Como não chegara e devido ao pouco tempo que tinha disponível, resolvemos ir ao seu encontro em Marabá. Saí com Savarapi de burro até São Raimundo, onde embarcamos no "mixto", que já estava retornando de São Geraldo (local de recentes conflitos entre posseiros e Polícia Federal, quando foram presos dois padres franceses).

Chegamos em Marabá bem de noite, e fomos encontrar Tiramé na ajudância da Funai, no barracão dos fundos, reservado aos índios em trânsito e aos doentes em geral. Um lugar nojento. Muitas crianças doentes, mulheres, homens, misturados com sucatas de móveis, móveis em desuso, num pequeno cubículo. Na rua era Natal.

continua...

Tiramé



Tiremê, contrariado por termos falhado nos compromissos, dissera que estava se virando para conseguir dinheiro emprestado. Aos comerciantes nada conseguiu, viu boa disposição da Banca do Brasil financiar a safra, mas a burocracia impedira. Por último pediu ao chefe da ajudância, Ferreira, e estava esperando a resposta.

Depois de conversarmos sobre a aplicação do dinheiro, entreguei-lhe os Cr\$ 400.000,00. Ele iria comprar de imediato os arreios, cangalhas, sacos, restante de rancho, roupas, facões, etc. além de pagar o serviço de juquirá e aviar os castanheiros. Ficou combinado dele mandar uma prestação de contas no tempo necessário.

Por último conversamos da impossibilidade de eu continuar, pelo menos agora, dos trabalhos de safra, por estar envolvido diretamente na luta do povo Potiguara.

Dia 26 Dezembro, voltei para João Pessoa, retornei novamente na aldeia Gavião para pegar arcos e flechas que levaria de presente para os Potiguaras.

CONCLUSÕES : Apesar desta viagem relâmpago, deu para sentir o seguinte: que apesar da demora, o dinheiro chegou na hora em que mais precisavam, e que deu condições para que pudessem ter um controle mais direto na produção deste ano, que finalmente deverá haver uma reativação no projeto Surui, principalmente acho eu, na continuação de apoiarmos a Safra de Castanha, que tenha alguém realmente disponível para acompanhar todo este projeto de perto, colocando na hora certa as alternativas possíveis. Infelizmente, no momento estou impossibilitado de fazê-lo.

São Paulo, 17 de fevereiro de 1.982

*Tiremê*  
Tiremê

Anexo prestação de contas desta viagem.